

## OIT mantém Brasil na lista de suspeitos de violar direito trabalhista

*Por Assis Moreira*

GENEBRA - O Brasil continuará na lista curta de suspeitos de violação de direitos trabalhistas, com a decisão tomada nesta quinta-feira (7) pela Comissão de Aplicação de Normas da Organização Internacional do Trabalho (OIT). A Comissão reconheceu que não foi observado o ciclo regular de informações na análise da Convenção nº 98, de negociação coletiva, não expressou qualquer violação a essa convenção, mas recomendou que o governo apresente informações sobre a aplicação da negociação coletiva até novembro. “O Brasil obrigatoriamente vai estar na lista de casos de suspeita de direitos da OIT”, diz Fabio Bon, assessor jurídico da Central Única dos Trabalhadores (CUT). “Foi mais uma derrota do governo.”

O ministro do Trabalho, Helton Yomura, voltou a acusar a comissão da OIT de politização e a questionar seu método de trabalho. Ele lembrou que outros países também contestaram a comissão pela pressa em questionar o Brasil, quando a reforma trabalhista só tem seis meses. O ministro disse que os fatos “não deveriam ser fabricados” e que o tema sobre o Brasil não deveria ter sequer feito parte da agenda. E deixou em aberto se o governo vai responder ou não a demanda de informações por parte da Comissão. “Vamos examinar oportunamente o texto, e se for o caso, oferecemos resposta”, disse.

Em todo caso, a diplomacia brasileira conseguiu desarmar uma tentativa de sindicatos e dos governos do Uruguai e da Venezuela para a OIT instalar uma Comissão de Inquérito sobre suposta violação de direitos de trabalhadores com a reforma trabalhista no Brasil. Na prática, os sindicatos conseguiram colocar na cena internacional a politização da reforma trabalhista feita pelo governo Temer.

O que vai acontecer agora é que o Brasil vai liderar uma campanha, com apoio de países de peso como China, Rússia e Índia, para rever o exame de normas trabalhistas pela comissão da OIT, por considerar que ela não foi imparcial e nem respeitou o aspecto tripartite da entidade (levando em conta as posições de governo, trabalhadores e patrões).

(Fonte: Valor Econômico – 08/06/2018)

## Indicador de emprego vai piorar em junho, abalado pela greve e incertezas

*O mercado de trabalho ainda deve sentir os impactos da paralisação dos caminhoneiros e da desconfiança quanto à economia e à política. Expectativa de melhora fica apenas para 2019*

**ISABELA BOLZANI • SÃO PAULO**

Os indicadores de emprego vão piorar em junho, absorvendo os impactos da greve dos caminhoneiros. Ainda sem uma definição política clara no País, a expectativa é que as contratações só tenham altas significativas no segundo semestre de 2019.

O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) caiu 2,5 pontos entre abril e maio último, para 101,1 pontos, na terceira queda consecutiva do ano – situação que não acontecia para o período desde o início de 2015.

Na média móvel trimestral, a tendência de retração continua, com o indicador mostrando recuo de 2,9 pontos em relação aos três meses imediatamente anteriores.

De acordo com o economista e coordenador de sondagens da FGV, Itaguara Bezerra, o indicador registrado em maio foi coletado até o último dia 23 – o que significa que quase não captou a greve dos caminhoneiros, iniciada dois dias antes (21).

“As expectativas em relação ao futuro estão diminuindo. O último indicador da Anfavea [Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores] sobre a produção de veículos em maio, por exemplo, teve queda de 15,3%. É uma sensibilidade que afeta o mercado de trabalho para junho”, afirma.

Ainda segundo da FGV, seis dos sete componentes do IAEmp tiveram variações negativas no mês passado, sendo que as maiores contribuições para esse movimento vieram dos indicadores que medem a situação dos negócios nos seis meses seguintes nos setores de Serviços e da Indústria de Transformação, com recuos de 6,2 pontos e 5,4 pontos, cada.

Para a técnica de planejamento e pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Maria Andréia Parente, ainda que o cenário esteja melhor do que o visto em 2017, os resultados estão abaixo do esperado e devem continuar ao longo de 2018.

Na comparação com maio de 2017, por exemplo, o indicador teve alta de 1,8 pontos.

# INFORME

“Temos taxas de desocupação menores – ainda que o que esteja puxando essa melhora seja a ocupação sem carteira –, mas a recuperação do emprego perdeu o fôlego.

E isso porque o nível de instabilidade deixa todo mundo em compasso de espera. É um ritmo menor do que o projetado”, complementa a especialista.

Ao mesmo tempo, o Indicador Coincidente de Desemprego (ICD), também divulgado ontem pela FGV, demonstrou um aumento de 2,3 pontos entre abril e maio último, para 96,5 pontos.

Nele, as classes de renda que mais contribuíram foram as duas mais baixas: as de renda familiar até R\$ 2.100 e a faixa entre R\$ 2.100 e 4.800.

“Nesse indicador, o pessimismo é evidente. Ele mede a situação local das pessoas e mostra, sobretudo, que são as classes mais baixas que estão sendo mais impactadas e tendo mais dificuldade para arrumar emprego”, explica Bezerra.

## ***Freios acionados***

Além das questões domésticas, os especialistas entrevistados pelo DCI ponderam ainda o ambiente internacional, que não apenas mostra melhores resultados na economia norte-americana – o que intensificaria a depreciação do real vista nas últimas semanas –, mas também traz a iminência de uma guerra comercial.

“A economia demora para refletir os resultados positivos e, ainda que mostremos a projeção de um 2019 com crescimento mais significativo, a situação de melhora deve sair um pouco do cenário brasileiro e depender, muito, do que acontecer no exterior”, comenta o professor de economia da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Leonardo Trevisan.

“É um momento muito confuso. Todos estão em compasso de espera, ainda esperando um direcionamento político”, comenta Parente, do Ipea.

Ele reforça, ainda, que os empresários tendem a esperar até o ano que vem para entender o que deve acontecer, para só então voltarem com seus investimentos e contratação.

“Os motores não foram desligados, mas todo mundo tirou o pé do acelerador”, conclui.

(Fonte: DCI – 08/06/2018)